

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CONFERÊNCIA. O UNIVERSO DE RAUL BRANDÃO.

DIONÍSIO, Santana

Ano: 1967 | Número: 77

---

### Como citar este documento:

DIONÍSIO, Santana, Conferência. O universo de Raul Brandão. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 195-220.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Conferência

---

Comemorando no corrente ano a passagem do Centenário do nascimento do Escriitor Raúl Brandão, brilhantemente festejado na cidade do Porto, sua terra natal, promoveu também a Sociedade Martins Sarmento, na noite de 15 de Março, uma Sessão de homenagem à memória do insigne Homem de Letras, na qual proferiu uma notável Conferência o Sr. Prof. Doutor José Sant'Anna Dionísio, que versou o tema *O Universo de Raúl Brandão*.

O ilustre Professor falou perante um atento e interessado auditório constituído pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento e por muitos associados, bem como por numerosas pessoas de Guimarães e de fora da nossa terra, que propositadamente aqui se deslocaram para ouvir o erudito Escriitor.

O Presidente da Sociedade convidou para presidir à Sessão o Sr. Presidente da Junta Distrital, que representava o Chefe do Distrito, dando igualmente lugar na Mesa de Honra ao Senhor Vice-Reitor do Liceu, ao Senhor Director da Escola Técnica, ao Senhor Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, em representação do respectivo Presidente, e ao Senhor Director da Biblioteca Pública de Braga. Ocuparam também lugares reservados a Ex.<sup>ma</sup> Viúva do genial Escriitor, Senhora Dona Maria Angelina Brandão e outras pessoas da Família do homenageado.

Aberta a Sessão, levantou-se o Presidente da Sociedade, que pronunciou as seguintes palavras:

Ex.<sup>ma</sup> Senhora Dona Maria Angelina Brandão,

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Junta Distrital e representante do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil,

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Dirijo em primeiro lugar a V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Presidente da Junta Distrital, as minhas saudações e as da Direcção desta Colectividade, a que nos dá a honra de pertencer, com o nosso agradeci-

mento por se ter dignado aceitar a representação do Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil e a presidência desta Sessão dedicada a um grande Escritor nacional, cuja passagem do centenário do seu nascimento comemoramos, relembando a obra notável que imortalizou o seu Nome.

Com a presença de V. Ex.<sup>a</sup> e de tão distintas pessoas aqui reunidas, obteve assim esta nossa manifestação de respeito e de exaltação dos valores espirituais, a dignidade e o aplauso que reconfortam e estimulam o esforço a que nos dedicamos de bem servir esta Casa, procurando manter a sua tradição de Cultura no nível a que outros, melhor do que nós, a souberam elevar.

A Sociedade Martins Sarmiento consagra hoje, mais uma vez, o seu preito de homenagem à memória de Raúl Brandão, nosso ilustre e saudoso consócio, que há um século viu a luz do mundo e há trinta e sete anos partiu para o mundo misterioso dos mortos, deixando vivo, na sucessão das gerações, o que no escritor existe de imperecível: — a obra literária que nos lega, e que é sempre a imagem flagrante e fiel do seu vulto espiritual.

Esse extraordinário escritor que se chamou Raúl Brandão, não sendo vimaranense amou, como sua, a nossa terra, manifestando sempre por ela e principalmente pela sua gente humilde uma profunda simpatia.

Imperativos do destino para aqui o trouxeram um dia, ainda homem novo, em 1896, quando, terminado o seu curso da Escola do Exército e promovido a alferes — profissão que aliás absolutamente errara, por inadaptação à vida militar — e após um breve estágio no Porto e em Lisboa, foi colocado, a seu pedido, no Regimento de Infantaria então aquartelado nesta cidade, no vetusto e sombrio edifício que é o histórico palácio dos Duques de Bragança, restituído hoje à sua primitiva dignidade e nobreza arquitectónica.

Logo em 2 de Janeiro de 1897, figura no livro das sessões desta Sociedade o ingresso de Raúl Brandão como sócio da nossa colectividade, na qual dera entrada mediante proposta apresentada pelo seu camarada de quartel, tenente Joaquim de Azevedo, que então exercia graciosamente as funções de bibliotecário desta nossa instituição.

Pouco tempo Raúl Brandão teve residência permanente em Guimarães, mas o acontecimento da sua vida, que, sem dúvida, o haveria de prender por laços sentimentais, e para sempre, à terra vimaranense foi ter escolhido e desposado aqui, na recatada igreja rural de Nespereira, a dois passos daquela sua encantadora e tranquila *Casa do Alto*, a dedicada e extremosa companheira, que hoje nos deu a honra da sua presença nesta Instituição, Senhora Dona Maria Angelina, génio tutelar e refúgio acolhedor e carinhoso da alma inquieta e torturada de seu saudoso marido, e até sua diligente colaboradora literária, nesse encantador livro de literatura pseudo-infantil que se chama *Portugal pequenino*.

E tão forte e duradouro foi esse vínculo afectuoso do Escritor à terra de sua Mulher, que, em suas derradeiras vontades, expressivamente pediu que o sepultassem, não na sua cidade natal, mas

o deixassem repousar o eterno sono nesse pequeno outeiro, luminoso e lavado, onde assenta, afastado dos ruídos da cidade, o florido cemitério da Atouguia.

A obra educativa desta Sociedade, naquele tempo ainda então incipiente, pois quando Raúl Brandão deu entrada no seu grémio tinha ela apenas uns breves 15 anos de existência, votou o Escritor uma sincera estima. Refulgia por esse tempo nesta Casa, em apreciáveis iniciativas culturais e científicas, a influência da personalidade eminente do sábio que lhe deu o Nome ilustre, conhecido e admirado nos meios cultos europeus daquela época, através das suas notáveis explorações em Briteiros.

Essa espontânea simpatia pela terra vimaranense, e de um modo particular por esta nossa Colectividade, perdurou, bem vinculada, no espírito de Raúl Brandão, pois até nas suas últimas disposições a não esqueceu, legando-lhe, ao falecimento de sua Esposa (que felizmente ainda continua vivendo, e Deus permita que ainda por muitos anos!), as obras da sua pequena livraria pessoal — que constituem sempre o tesouro mais querido de todo o homem de Letras —, e oferecendo à Secção de Arte do nosso Museu um quadrozinho de Mestre Columbano, intitulado «Torre das Caldas da Rainha», pintura de particular interesse, até porque Columbano foi essencialmente, como todos sabemos, um grande pintor de retrato e não um paisagista. A uma outra Instituição que muito honra esta cidade e que o escritor, nessas disposições testamentárias, designou «futuro museu municipal de Guimarães» (porque então, de facto, se trabalhava na sua criação, e hoje se chama Museu Regional de «Alberto Sampaio»), legou também o seu retrato e o de sua Esposa por Mestre António Carneiro e alguns preciosos desenhos de Sequeira.

Por sua vez, a Sociedade Martins Sarmiento, sempre grata aos que bem a sabem honrar e servir dignamente (e muitos têm sido), nunca esqueceu este grande, prestigioso e bemcérito amigo que foi Raúl Brandão. Nós próprios, como representante da Direcção desta Casa, tivemos ocasião, há mais de 30 anos, de afirmar publicamente esta nossa perdurável veneração, em singelas mas sentidas palavras que então pronunciámos, junto do seu túmulo, no momento da trasladação dos restos mortais do insigne Escritor, de Lisboa para o cemitério desta cidade, em 3 de Maio de 34.

Três anos volvidos após essa piedosa romagem, foi ainda esta Sociedade que, por iniciativa nossa, manifestou o seu respeito pela memória de Raúl Brandão e reavivou o merecimento da sua obra literária promovendo uma Conferência, que resultou magnífica, sobre o extraordinário dramaturgo, aqui proferida, neste salão nobre, pelo falecido Dr. Joaquim Manso, eminente prosador e jornalista, que foi o primeiro director do «Diário de Lisboa».

Em 1959, de novo a Sociedade Martins Sarmiento lhe prestou digna homenagem, realizando nesta Instituição, com o patrocínio e colaboração da nossa Câmara Municipal, uma exposição retrospectiva biblio-iconográfica de vários escritores que no cemitério de Guimarães repousam, reunindo, nessa ocasião, numa sala desta Colectividade, interessantes recordações pessoais desses homens ilustres, entre as quais figuravam as que Raúl Brandão deixara

na sua Casa de Nespereira, como foram algumas das suas curiosas *pochades* a óleo, pois além de um extraordinário paisagista das Letras, que soube «pintar com palavras» (expressão sua, bem sugestiva), revelou igualmente marcada vocação para «pintar com pinceis», cultivando, embora por mera distração, essa modalidade artística, evidentemente como simples autodidacta, mas com rara espontaneidade.

Finalmente, esta Casa de Martins Sarmiento manifesta hoje, — mais uma vez, repetimos —, agora na passagem do centenário do nascimento de Raúl Brandão, a sua admiração pela Obra do pensador, do filósofo, do historiador, do jornalista, do dramaturgo, do artista, e, acima de tudo, do emotivo de alma sensível que soube compreender o homem integrado na tragédia da vida, do evocador do sofrimento das multidões, em que afinal é argamassada a história da Humanidade, essa «história que é dor, a verdadeira história que é a dos gritos», como de forma lapidária ele um dia escreveu numa das suas mais belas páginas.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não me compete apresentar-vos aqui, neste momento, a recensão apreciativa da vida e do labor intelectual do glorioso autor de tantas obras primas, desde esses primeiros livros das *Memórias de um palhaço* e das *Impressões e paisagens*, ao historiador do *Gomes Freire* e de *El-rei Junot*, desde esse estranho livro que intitulou *Humus* ao dramaturgo de *A noite de Natal*, de *O maior castigo*, de *O gebo e a sombra*, *O doído e a morte*, *O rei imaginário*, *O Avejão*, ao colorista maravilhoso de *Os pescadores* e de *As Ilhas desconhecidas*, ao evocador da miséria e da injustiça humanas de *Os pobres*, de *O pobre de pedir*. A apreciação desse fecundo labor espiritual a vai fazer pessoa infinitamente mais autorizada do que eu — o Senhor Professor Dr. José Sant'Anna Dionísio, que nos deu a honra de aceitar o convite para aqui vir falar-nos da personalidade de Raúl Brandão.

\*

Com o profundo agradecimento da Direcção desta Casa por essa amável deferência que S. Ex.<sup>a</sup> teve para connosco, tentarei resumir, em breves e singelas palavras, o que tem sido o invulgar labor intelectual do conferencista que vamos ter o prazer de ouvir dissertar, na cátedra desta Instituição, tantas vezes prestigiada por muitos Nomes ilustres nas Artes, nas Ciências e na Letras:

Pedagogo distinto, escritor insinuante, crítico arguto e filósofo insigne, fez a sua entrada nas Letras concluindo brilhantemente em 1926, na antiga Faculdade de Letras do Porto, a sua licenciatura em Filologia germânica, com um notável trabalho sobre a vida e o pensamento de *Nietzsche*, depois de já se haver licenciado em Filosofia, como discípulo do eminente filósofo Leonardo Coimbra, com um estudo sobre a obra de *Bergson*.

Após um curso distinto, fez Exame de Estado em 1930 na Escola Normal Superior de Lisboa, exame que, depois de nomeado professor liceal, voluntariamente requereu para repetir, a fim de

corrigir o resultado do primeiro, obtendo então a alta classificação que merecia. Tem leccionado em diversos liceus, incluindo o desta cidade.

Paralelamente à sua actividade no professorado do ensino oficial, tem sido intenso o seu labor nos domínios do Pensamento. Polemista vigoroso, personalidade inconformada com a rotina, espírito de irreductível formação liberal, marcou desde novo o seu lugar através de campanhas de crítica jornalística que manteve em diversos periódicos e revistas dessa época.

Em 1934 publicou na Rev. «Seara Nova» um valioso Estudo sobre *O Drama e a Cultura de Antero do Quental*. Por essa mesma quadra deu a lume uma série notável de *Ensaio*s, e, mais tarde, um valioso opúsculo intitulado *A Não-cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência*. Em 1941, após a morte de Raúl Proença, primeiro organizador do *Guia de Portugal*, foi Sant'Anna Dionísio incumbido da continuação desta importantíssima obra, publicando-se em 1945, sob a sua direcção e organização, o 3.º Volume. Largos anos decorridos e vencidas dificuldades de ordem vária, prosseguiu em 1960 o incansável escritor nesse trabalho verdadeiramente exaustivo, mediante o impulso de ordem económica que à publicação desta obra meritória concedeu a benemerente Fundação Gulbenkian, estando já hoje publicado, em dois tomos, o IV Volume, e em vias de conclusão o V e último. Ao enorme esforço deste insigne trabalhador das Letras pátrias se fica assim devendo a conclusão desse *Guia* monumental, geográfico, histórico, turístico e artístico do nosso país, como semelhante e tão completo não conhecemos qualquer outro.

No quarto de século decorrido desde 1942 até hoje, a produção de Sant'Anna Dionísio tem sido particularmente fecunda no campo da crítica filosófica, com seus magníficos estudos sobre Raúl Proença, Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra e Amorim Viana, e com seus trabalhos de profunda lucubração, que intitulou as *Ideias de Espaço e Tempo*, *A hipótese do Eterno Retorno*, *A Filosofia como objecto de Pedagogia*, *Pedro Hispano e o Tratado «De anima»*, *A meditação filosófica no Novo Mundo*, um volume de *Aforismos*, a *Crítica bergsoniana da Psicofísica*, e outros trabalhos apresentados em lições, conferências e congressos, que têm merecido da crítica autorizada a justa apreciação e o merecido elogio.

Em trabalhos mais leves, de jornalismo, tem o Professor Sant'Anna Dionísio dado a lume, paralelamente a estas obras de erudição, brilhante colaboração literária, em especial, nos últimos tempos, no diário portuense *O Primeiro de Janeiro*, em belos artigos de fundo, que todos lemos com interesse, agrado e proveito intelectual, alguns dos quais, por sinal, versando temas históricos ligados à terra vimaranense.

É este, minhas Senhoras e meus Senhores, o conferencista insigne que vamos ter o gosto de ouvir discorrer sobre o obra e a vida de Raúl Brandão. Ele me perdoará estas palavras sem côr e sem expressão com que me referi à sua personalidade, pois, infelizmente, nem mais nem melhor eu soube dizer...

Concedido seguidamente o uso da palavra ao ilustre conferencista, foi este recebido pela assistência com uma

vibrante salva de palmas. Depois de agradecer as referências que à sua Obra e à sua personalidade lhe fizera o representante da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, deu início à leitura da magnífica oração, que na íntegra temos a honra de transcrever nesta Revista:

### O UNIVERSO DE RAÚL BRANDÃO

«O esforço de todo o artista deve tender para o entendimento do mundo.»

«Uma grande obra deve ser uma grande explicação do Universo.»

Raúl Brandão

(Confidências feitas pelo Escritor ao Poeta Augusto Casimiro, no Verão de 1923, defronte do Mar)

Diz, algures, o Poeta Teixeira de Pascoaes:

— «*A Razão foi conquistada à loucura como a Holanda ao mar*»

Ouvida ou proferida de relance, esta asserção tem toda o ar de espúrio paradoxo, sem qualquer conteúdo inteligível. Todavia, talvez nada mais exacto.

A interpretação da aparente incongruência requer, sim, um pouco de cuidado, mas está longe de ser difícil.

Com a clarividência de relâmpago que lhe era peculiar, o poeta do «*Regresso ao Paraíso*» queria, sem dúvida, dizer, por essa fórmula desconcertante, que o homem, de início, era um ser, por assim dizer demente; isto é, profundamente estremunhado e atónito. E porquê? É caso para perguntar. O homem originário seria, de raiz, um ser «demente», por ele mesmo, por virtude da sua própria natureza, ou em consequência, digamos assim, da natureza que o envolvia?

Tentemos responder e esclarecer devagar.

O homem originário era decerto um *ser insular* pela força conjugada daquelas duas naturezas; isto é, a dele mesmo e a do mundo.

No íntimo, o homem primordial, embora solicitado para a angústia transcendente e para a beatitude ingénua e pura que nele decerto ora se traduziria na contemplação muda das maravilhas do firmamento, ora na com-

panhia amorosa e tranquila da companhia e dos filhos, não podia deixar de sentir na sua terrível *situação de ser-àparte*, que o mundo em que vivia lhe era profundamente *estranho*. A selva, a noite, as mutações súbitas e temerosas dos temporais, as alternativas incompreensíveis dos aspectos de beleza e tranquilidade do céu, de fealdade e de negrume, os abalos sísmicos, os espantosos redemoinhos dos ventos e das águas, o mugido lúgubre



*O Professor Doutor José Sant'Anna Dionisio pronunciando a sua conferência.*

das torrentes, os riscos fugidios e deslumbrantes das espantosas trovoadas, a passagem, em alucinantes fugas de terror, dos bichos das mais variadas formas—, tudo isso teria, por força, de causar no espírito do homem originário uma invencível vibração e angústia que nós hoje dificilmente poderemos definir sem recorrer às sugestões de pesadelo.

O peso desconforme das impressões de desalinho que o mundo telúrico deveria descarregar sobre o homem desse tempo — meio anjélico, meio bicho, que, aqui e além, existiria à superfície da Terra — teria como efeito a gestação no seu espírito de um sentimento de pavor e de deslumbramento.

Sendo o mundo radicalmente confuso, como poderia o espírito do homem originário ser radicalmente sereno e límpido? Impossível. Nesse ponto, tanto os chamados mitos da Idade de Ouro, como a visão bíblica da tranquilidade perfeita de Adão e Eva antes da tentação da Serpente, como a própria visão romântica de Rousseau da impecável bondade do homem silvestre, são claramente arbitrárias concepções ingênuas do homem da grande madrugada que, à falta de melhor palavra, é costume designar pela palavra *Origem*.

Com efeito, é absurdo conceber o homem originário como um ser plácido e lúcido.

Em seu profundo mutismo, concentrado e denso, apenas entrecortado de um ou outro brado onomatopaico, o homem originário era seguramente, em certos momentos, um ser terrivelmente perturbado. A natureza «incompreensível» do mundo necessariamente se reflectiria nas fosforescências pueris da sua inteligência rudimentar.

Vagamente, no seu espírito, cruzar-se-iam embrionárias interrogações.

Olhando os lumes do céu nocturno, diria de si para si, sem palavras:

«— Que serão aquelas luzes?»

Ouvindo, ao longe, o ribombo da trovoadas que ir-se-ia aproximando, diria, em tácita hipótese pueril:

«— Que grande leão ou elefante estará escondido por detrás daquelas nuvens?»

Escutando, no negrume da sua vigília, o rumor próximo de alguma floresta e torrente, diria por ventura:

«— Que estarão a dizer as águas ou as árvores?»

De mil modos; em sincopadas perguntas e silenciosos momentos de angústia, o espírito do homem tentaria humildemente perscrutar o imenso mistério do mundo estranho e confuso em que se encontrava como um ser estremunhado e emudecido pelo espanto.

\*

À custa de prodigiosos esforços, no decurso discreto de séculos e séculos, homem após homem, geração após geração, o *sentimento do pasmo* foi cedendo lugar ao *esforço do entendimento*.

Assim «se foi conquistando a Razão à Loucura, como a Holanda ao Mar» — no dizer sibilino e justo aparentemente desconcertante mas, no fundo, inteiramente simples e exacto, do Poeta.

Ninguém ignora que os Gregos, mais do que nenhum outro povo vizinho da Infância da Humanidade, contribuíram de modo incomparável para essa discreta superação do espanto e da *alienação*.

A própria Tragédia grega—, que é ela senão uma forma dramática de anseio de visão inteligível do Ininteligível?

Até Ésquilo, a fatalidade era aceite em silêncio. A partir do criador do *Prometeu*, a fatalidade torna-se objecto de reflexão que se exprime.

Por isso poderemos dizer que o teatro trágico grego é uma expressão de conquista da «razão» à «loucura.»

Outra expressão da mesma luta é o pensamento filosófico post-socrático.

E dizemos assim, porque, como Nietzsche bem acentuou, antes de Sócrates, o pensamento helénico era de raiz trágica.

Os primeiros filósofos gregos não sabiam nem queriam saber o que era o pensar lógico e explícito. Por via de regra, diziam o que tinham a dizer sob formas elípticas e sibilinas. Alguns mesmo, ostensivamente, sustentavam que a reflexão essencial jamais se deve explicar. As grandes *ideias* deveriam ser transferidas como relâmpagos. Quem pudesse entender que entendesse, quem não pudesse que seguisse o seu destino.

Tal era, por exemplo, o sentido profundo do pensamento oracular — digamos hoje: supra-lógico — de Parménides ou de Heraclito.

A partir de Sócrates, porém, tudo se altera. Surge então o decidido propósito de se «pôr termo» ao irracional; ou seja: à demência. O pensar torna-se lógico e discursivo. Em presença do mundo, tão rico de aspectos ininteligíveis, o *homem novo* e bifronte que se chama Sócrates-Platão tenta demonstrar que a própria morte deveria ser encarada como um facto insignificante; isto é, sem valor.

As múltiplas e incessantes contradições e perturbações do mundo sensível seriam igualmente sem valor.

A Alegoria da Caverna (atribuída por Platão ao Mestre morto pala cicuta) seria a genial demonstração de que a verdadeira realidade não é a chamada «realidade», mas, sim, *outra*, de natureza abscondita.

Essa alegoria constitui, na verdade, um dos momentos culminantes da conquista da Razão sobre o Mar, aparentemente indomável, da Demência.

Accitar a morte como uma realidade sem valor; compreender que o mundo tido como familiar não é um mundo autêntico, mas, sim, mera sombra do mundo verdadeiramente perene, é, na verdade, algo de prodigioso na história desta luta que se viria a desenrolar, desde as funduras da Infância da Humanidade, para o nosso espírito se acomodar ao irredutível *ser estranho e confuso* que se chama a Existência do Mundo.

\*

Em duas palavras, digamos em que consiste essa «Alegoria»:

Imaginemos, teria dito o velho mestre e conversador ateniense, que alguns seres humanos teriam nascido dentro de uma caverna que apenas receberia luz por uma breve mina oblíqua e afunilada, em cuja boca exterior passaria um frequentado caminho de seres transeuntes. Presos, como pequenos prometeus, de modo inamovível, às paredes dessa furna e de costas voltadas para a luz, esses seres humanos apenas conheceriam do mundo «exterior» o desfile das sombras que, a cada momento, fantasmaticamente, se projectariam na parede para que estariam, desde a nascença, voltados. Por ilusão do *hábito*, esses seres humanos forçosamente considerariam como realidades as projecções fantasmáticas das realidades solares. O seu mundo teria de ser, exclusivamente, *o das sombras*. A tal ponto o hábito seria gerador dessa ilusão, que, se algum dia, por hipótese, alguns desses homens nados e criados na penumbra fossem desagrilhoados e trazidos para o mundo da luz solar, verificar-se-ia, em primeiro lugar que, nos primeiros momentos, esses homens, deslumbrados e ofuscados pela luz natural do Sol, cerrariam os olhos, incapazes de suportar a intensidade dessa fonte luminosa; em seguida, já um pouco

refeitos do deslumbramento, veriam com verdadeiro pasmo os «seres transitivos» que apenas teriam conhecido até aí pelas sombras projectadas na parede da caverna a que estavam afeitos desde nascença. Tão afeitos que tais presenças, bem patentes, inundadas de luz, se lhes afigurariam *autênticas irrealidades*.

Os homens da caverna, com os olhos do corpo e do espírito alimentados de conhecimentos fantasmáticos, recusar-se-iam inelutavelmente a considerar como verídicos os seres primordiais que teriam na sua frente, banhados de luz.

Assim o homem comum, de habituado que está à visão dos «seres sensíveis e transitórios», se sente inevitavelmente incompatibilizado com a visão dos seres imperecíveis, que são os *arquétipos* ou *Ideias*, fontes invisíveis de todas as «sombras» ou realidades precárias e secundárias.

\*

Mas a que propósito vem ou virá esta invocação da alegoria platónica? Que tem que ver a obra ou espírito de Raul Brandão com esse assunto?—, dirão, de si para si, em silêncio, alguns dos que pacientemente nos escutam.

Nós responderemos:

Raul Brandão é um escritor excepcional precisamente porque a sua obra nos obriga a viver intensamente o problema de saber o que será, ou é, na realidade, a «*realidade*».

Sem informação, sem estudo, sem a preparação por assim dizer técnica que, desde os alvares da chamada História do Pensamento é tida como imprescindível a quem pretende exhibir o título e fruir o jus de «filósofo»—, o filósofo insindicável e desgrenhado que é Raul Brandão, diz e afirma, como se tivesse soletrado sílaba a sílaba o texto platónico da «Alegoria da caverna»:

«*O único mundo real é o mundo irreal*» (*Humus*, p. 301).

«*O mundo ideal é o mundo da dor, do sonho, é o universon*»

«*Todos os sonhos são realidades.*»

«*Só os sonhos são realidade.*»

Diante do milagre do mundo, com as suas mil maravilhas e mil antinomias — iniquidades, contradições,

indiferenças, sarcasmos, — o autor do *Humus* abre os olhos, regista, deslumbra-se e formula incansáveis perguntas. Interroga e discorre. Volta ao começo. Repete a confissão da sua ignorância. Insiste. Tenta compreender. Serve-se sempre das mesmas expressões elementares e das mesmas palavras simples.

*«Se me perguntam o que é a vida não sei o que é a vida. Sei que me devora — sei que tenho ao pé de mim a morte.»*

Não se descobre a menor sombra ou veleidade da chamada reflexão douta. A expressão do seu pensar é menos que vulgar. É o falar do dia a dia da gente mais ingénua:

*«Não me compreendo nem compreendo os outros. Não sei quem sou e vou morrer.»* (id., p. 293).

*«Nem sei o que é a vida. Chamo vida ao espanto»*

*«Estou convencido que tudo isto são apenas expressões de dor — e mais nada.»*

*«O sonho completo é o universo realizado.»*

*«O universo é uma vibração. A vida é uma vibração na vibração.»*

*«Talvez o mundo não exista; talvez tudo no mundo sejam expressões da minha própria alma.»*

Desde cedo, talvez desde a adolescência — alimentada um pouco pela atmosfera de pesadelo que lhe era dada pelo convívio nocturno de alguns companheiros, poetas e artistas, frequentadores como ele de uma certa mansarda da lôbrega e vulcânica Rua do Almada, — o futuro autor da *Farsa* e dos *Pobres* sentiu que não poderia viver da «ilusão dos sentidos», nem da «ilusão da acção»; isto é, debruçado sobre o que ele mais tarde chamaria, no *Humus*, «a mesa do jogo».

A antevisão da morte inevitável cedo se tornou, parece, para o seu espírito, a grande e terrível obsessão:

*«Na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninbaria para esquecer a morte»* (*Humus*, p. 46).

*«Ouço-me viver com terror — e caminbo nas pontas dos pés para a morte»* (id., p. 80).

*«O dia de hoje não existe para mim, — só penso com sofreguidão no dia de amanhã. Ora o amanhã é a morte.»* (id.)

*«Na realidade, morrer é absurdo.»*

Noutro ponto, noutro momento, confessa:

«A morte é inevitável? —, pergunto baixinho. E como a morte é inevitável —, como não lhe posso fugir, para não perder tudo, criei a outra vida.»

Outro problema, outra fonte de interrogação, dúvidas clamorosas ou inconfessáveis é justamente o do saber qual é o valor ontológico do que se costuma chamar a «outra vida».

O fantasma da *Humus* bem o exprime:

«E afinal quem sabe se este sonho que a humanidade traz consigo desde que pôs o pé no mundo não é o maior de todos os sonhos?» (id., p. 45).

Com insuperável crueza, o fantasma que monologa no *Humus* diz:

«Se a vida futura é um absurdo, esta vida é um absurdo ainda maior.» (id. p. 80).

Todo o esforço dialéctico do genial conversador ateniense, tão serenamente exposto perante os que o condenariam a emborcar a taça da horrenda cicuta, como perante os discípulos que o visitam e querem reconfortar no dia derradeiro, é assim anulado, num repelão, por este pensador elementar e anárquico, ao mesmo tempo de mentalidade epigónica e raiz originária.

A «indiferença heróica» perante a morte é, por ele considerada como a maior das falsificações.

Como poderá ser possível a serenidade em face da certeza da morte —, essa certeza por assim dizer simultaneamente matemática e irracional?

Para o fantasma que monologa no *Humus*, nada se compreende desde que a morte seja uma realidade.

A mais funda raiz do pessimismo trágico de Raul Brandão mergulha no *humus* dessa terrível incerteza: se a morte será ou não uma realidade.

É claro que nem sempre o fantasma que fala ao seu lado (ou em sua vez) se mostra seguro de que a morte seja uma realidade. De momento para momento, a posição dialéctica do fantasma altera-se. As negações mais temerárias opõem-se certos vislumbres de crença. O espírito arquejante e angustiado ergue-se de vez em quando em inesperados ímpetos de esperança. Mais do que isso: em certos instantes dir-se-ia que o Autor do *Humus* experimenta a beatitude do mais exaltado dos místicos, exclamando: — «*Eu vejo Deus; eu sinto Deus.*» Mas,

logo a seguir, cai de novo no redemoinho das aflições ou das trágicas contradições, por vezes quase satânicas.

O fantasma que, na sua obscura cripta fala e discute, a sós, ora se exprime com terríveis sarcasmos, como quando rouqueja, dir-se-ia pelas fauces de Nietzsche, nas vésperas da Loucura:

«*A maior conquista do homem, Deus, desapareceu para sempre.*» (*Humus*, pág. 102).

«*Descobrir que não há Deus — que alegria. Respira-se doutra maneira.*» (id., pág. 69).

Ora proclama em termos de crua e luminosa dialéctica, tendo ao lado o fantasma do Spronceda ou Ivan Karamazov:

«*A questão suprema é esta e só esta: Deus existe ou Deus não existe?*» (id., pág. 89).

«*Se Deus existe, eu sou um homem — se Deus não existe, eu sou outro homem completamente diferente.*» (id. pág. 90).

«*Se Deus não existe.*» O pior de tudo é que eu digo e afirmo (exclama o Fantasma) — *Deus não existe! — mas na realidade não sei se Deus existe ou não.*» (id. pág. 111).

Todo o *Humus* é, assim, um monólogo de estranho sabor transcendente.

Em qualquer ponto que se abra esse livro — informe e desconforme, monocórdico e veemente, sincopado e incansável, febril e desregrado, ora subterrâneo e nocturno, ora inefável e sideral, ora pueril, ora apocalíptico, — se dá de face com alguma palavra ou dissonância que nos perturba e põe o espírito em estado de alarme, como se estivéssemos a visitar, num semi-sonambulismo, sucessivas gaiolas de uma imensa Casa de Orates.

Por isso mesmo, de modo algum convém a leitura persistente e contínua desta obra.

Quem cair nesse erro cairá, por força, na maior dispersão de juízos tácitos, desesperados e antinómicos.

Não há juízo crítico, por mais lúcido, que possa resistir a duas horas de leitura ininterrupta de uma obra destas.

Aliás, qual é a obra de génio que possa resistir a tal prova? Dentro do *auditorium* de Bayreuth não se terá caído de sono muitas vezes, com os olhos fechados? sobre a própria *Iliada* não haverá quem tenha adormecido, ao sabor da própria sonolência do Poeta?

O *Humus* é, uma obra para ler em dez ou vinte anos, aos poucos.

Nós lêmo-la, assim mesmo, há mais de trinta, e hoje sentimos, como no primeiro dia em que a descobrimos, no amanhecer da nossa adolescência, que é uma obra de incomparável valor simbólico e travo premonitório.

\*

Em uma palestra (ou *charla*) de tipo universitário mas muito sugestiva, sustentou um dia Ortega y Gasset que o maior valor desta forma de educação superior que usualmente é designada pelos propedeutas e filósofos alemães pelo nome de *cultura* é o de concorrer para libertar o homem dos impulsos e terrores primordiais, sobrepondo a serenidade ao desalinho, a lucidez à insânia, a firmeza vivente à perplexidade e à angústia.

Pressupondo ser exacta essa definição de «cultura» dada por Gasset — «*Cultura es el conjunto de vias, caminos, ideas claras... es el que salva el hombre del naufragio vital...*» — Teremos de confessar, muito à puridade, que Raul Brandão é a pura antítese do *homem culto*, pois a sua obra é, de ponta a ponta, uma expressão de crónica incerteza e de dramática problematização elemental.

Digamos com mais crueza: é uma obra, não para salvar seja quem for, mas, pelo contrário, para lançar no espírito de quem querque dela se aproxime e nela ingresse as mais graves perturbações!

Seu pensamento é uma forma de regresso ao pensar do homem originário.

Com ímpetos de desespero e de temeridade, a voz subterrânea (e ao mesmo tempo clamante) que se faz ouvir na «cripta» do *Humus* ergue-se de vez em quando em temerosas heresias:

«*Deus é cego! Deus é cego!*»

E o seu desespero momentâneo é tamanho que logo exclama, dirigindo-se a modos de um novo Agostinho de Hipona, ainda muito longe do dia decisivo, debatendo-se nos braços de ferro da Incerteza:

— «*Só contei contigo, meu Deus — e agora quero crer e não posso crer!*» (*Humus*, p. 116).

Dai os seus momentos de supremo desamparo:

— «*Estou aqui defronte do espanto e sinto-me perdido na vastidão infinita*»

Perante a noite que o deslumbra, em presença do silêncio dos muros tumulares, nas horas mortas, como em presença dos «vagalhões de luz», das horas solares, o fantasma que vive ao lado ou dentro do Escritor, esgrouviado e loiro, não cessa de proclamar, em clamores regougados, o seu incurável desespero:

— «*Por mais que grite, por mais que proteste, estou aqui diante do incompreensível, vivo no nada, de pé na voragem*» (id., p. 116).

— «*Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões doirados*» (id., p. 30).

— «*E para lá uma coisa infinita, um negrume infinito, uma vida infinita.*»

— «*É imenso—, é inútil.*»

— «*Sou menos que o nada.*»

— «*Nenhum de nós sabe o que existe e o que não existe.*»

— «*O nosso mundo não é real*» (id., p. 22).

Embora desconhecendo, seguramente, o que os antigos Gregos, com relativa familiaridade e consciência funda, designavam a dialéctica do *ser* e do *dever*, da *realidade* e da *aparência*, tão entranhado no espírito dos Pitagóricos, dos Eleatas e dos intérpretes ancilares da «alegoria da Caverna», o espírito do Autor *Humus* reflecte sem descanso a intuição dramática de que o universo verídico não é o dos seres visíveis, mas o dos seres invisíveis.

— «*Cada homem é um ser — e o seu fantasma.*»

Neste ponto radica a afinidade profunda—, convertida em verdadeira parceria espiritual, bem expressa na realização simbiótica da tragi-comédia «*Jesus Cristo em Lisboa*»—, do dramático Escritor dos «*Pobres*» com o Poeta de inspiração transcendente, febril e ossificado, cantor e visionário do «*Regresso ao Paraíso*».

Um e outro eram intensamente dominados pelo pressentimento de que *toda a realidade é dupla*—, é ela e a sua fantasmática sombra.

Sem querer e sem saber, são dois apóstolos inveníveis da «alegoria da Caverna.»

E dizemos *sem saber* porque, na verdade, tanto o pensamento do autor do *Humus* como o do cantor da *Senhora da Noite* e das *Sombras* são puramente espon-

tâneos. São expressões incoercíveis e ingênuas de certas iluminações.

Se Raul Brandão acaso leu alguns filósofos, jamais aponta ou invoca algum. O que ele quer é pensar por conta própria, com a sua terminologia de trazer por casa, a sua linguagem crua e quase doméstica.

Diante do mundo, a sua visão é quase sempre lívida:

«Nosso destino é a morte. Só assim posso explicar o universo; só assim posso compreender o universo.»

«Se Deus não existe —, se Deus não existe, que me fica no mundo? Sou nada no infinito» (p. 115).

«Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar» (p. 115).

O esgrouviado e fantasmático «filósofo» que o Escritor designa — não só no *Humus*, mas na *História do Palhaço*, no *Diário de K. Maurício*, ou nos *Pobres* —, pela alcunha de *Gabirú*, não se estabiliza em dada posição ou «ideia» escatológica ou teodiceica. É um ser esquivo e desarticulado que «mói e remói» as mais desencontradas intuições. Ora afirma, ora nega, ora duvida, sem qualquer sombra de escrúpulo de natureza lógica.

No *Humus*, principalmente, não se descobre a menor esquirola de coerência ou de senso. Há apenas ansiedade e angústia.

Em presença da própria morte, o fantasma ou *duplo* que fala sem descanso dentro de Raul Brandão, ou ao seu lado, — mesmo em face da Morte, esse fantasma diverge, altera-se e liberta-se da atitude de espanto e terror, aceitando-a como uma forma de repouso e de tenebrosa sublimação do sofrimento:

É, por exemplo, no momento final do *Humus*, quando esse fantasma ou *duplo* segreda e diz, dirigindo-se à sombra que se aproxima:

«Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes medo. Aceito-te. Só tu agora me prendes... És o único mistério que me interessa. Confio em ti. Cheguei ao ponto, Morte, em que só de ti espero. Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas. Aceito-te... Recebo-te, mas como um passo para outra iniciação.» (p. 296).

...Mas nesse instante mesmo em que o *fantasma* patético e resignado, febril e expectante, parece pronto a receber o beijo frio da Morte, como uma promessa de conhecer uma outra forma de viver e de ser, indefi-

nidamente rica de fontes de deslumbramento —, nesse mesmo instante, o *fantasma* ou *duplo* que paira e fala, como um «medium», nesse estranho é interminável monólogo, diz:

«...*E contudo esta resignação é fictícia... Não, nunca acordei sem espanto, nem me deitei sem terror.*» (p. 297).

«...*Entrevejo na morte um sofrimento atroz. O inferno não é uma palavra vã. É um inferno de ânsia, um desespero sem consciência e sem gritos.*»

E mais trágico do que nunca, afirma:

«*Eis o que é a morte: a dor extrema, a dor emudecida.*»

\*

Todos os grandes Escritores, todos os grandes Artistas trabalham a seu modo, por um secreto mandamento, para a edificação de uma espécie de *mundo seu*.

É o que um filósofo moderno, numa visão sugestiva e exacta, designou —, ao referir-se à hipótese consequente ou geradora de todas as religiões —, o *sub-universo* de cada filósofo ou apóstolo, doutrina ou profecia.

Que foi o Cristianismo, e particularmente o Cristianismo de Paulo de Tarso, senão a criação de um *sub-universo*? Que é a obra de Dostoiewski senão a criação de um outro «*sub-universo*»? E quem diz Dostoiewski poderá dizer Cervantes, ou Homero, ou Miguel Ângelo, ou Goya, ou Wagner, ou Rodin.

De um modo ou outro, todos trabalharam para a criação de um específico *mundo seu* que hoje é, para muitos, tão real e por vezes mais ainda do que o próprio mundo chamado real.

Raúl Brandão —, ainda que não possa situar-se à altura desses grandes demiurgos —, é um escritor dotado de altas propensões demiúrgicas, a quem ficamos a dever a criação de um singularíssimo pequeno mundo de figuras e almas, de «criaturas» e de «símbolos».

Na linha das grandes concepções míticas e transfiguradoras da realidade comum, a sua visão, predominantemente nocturna e fantasmática, acorda (no espírito de quem tiver o dom esforçado e persistente de procurar a ajustada sintonização que toda a obra insólita e inovadora requer) mil sugestões de um outro mundo, não

diremos nomenal, mas aparentado com aquela realidade que os antigos Vedas ou os originários Gregos vislumbravam para além da chamada realidade solar, evasiva e aparente.

Nos *Pobres*, no *Humus*, na *Farsa*, no *Gebo e a Sombra*, nas próprias *Ilhas Desconhecidas* e em certos relances dos *Pescadores*, transparece esse anseio de *transvisão*.

Mais que religioso, o espírito do criador do *Humus* é uma força anímica e mística que aspira, com uma intensidade que por vezes atinge a acuidade e o desalinho da lúcida loucura, compreender o sentido e o não-sentido da existência.

\*

Na extraordinária trindade de Escritores transcendententes constituída, entre nós, nos nossos dias, pelo Poeta Teixeira de Pascoaes, o Filósofo eloquente Leonardo Coimbra e pelo Espírito desorbitado e trágico de Raúl Brandão, pode dizer-se que o ponto de convergência dessa tríade está na ansiedade de compreensão total e o ponto de divergência na distinção da concepção de Deus.

O Poeta, de princípio ao fim, foi uma alma jogada pelo fluxo e refluxo da afirmação e da negação. Tanto assim que ele mesmo se definiu, de modo paradoxal, como um crente-descrente, um «áteo-teísta».

O Filósofo, pelo contrário, desde os primeiros arroubos do tribuno adolescente aos derradeiros discursos da sua vida truncada por uma conversão e um desastre, foi uma pessoa para quem nunca existiu a dúvida. Como certos teólogos ancorados no porto de abrigo da mais tranquila Fé, o filósofo de *Criacionismo* afirmava, a cada momento, na intimidade convivente:

— «*O difícil está em provar que Deus não existe — pois a sua existência é mais clara que a luz do Sol!*»

Raúl Brandão, esse, vive, sem repouso, em face do problema de Deus e da possibilidade de Deus, em uma insaciável e dramática hesitação e ansiedade.

Em dado momento (que ninguém, com precisão, poderá determinar no fluir da sua vida) ele exclama, pela voz do seu habitual fantasma: — «*Eu creio em Deus!*» —; mas a verdade é que, alguns momentos antes

(ou alguns momentos depois, que tudo vale o mesmo) ele exclama:

— «*Tudo me parece inútil e agarro-me com desespero a um fio de vida, como um náufrago a um pedaço de tábua.*» (Cf. *Humus*, p. 293).

Com ímpetos de desespero e de temeridade, o seu fantasma ergue-se ao seu lado, a cada passo, proferindo temerosas interrogações e afirmações de rebeldia — para daí a momentos se cobrir de cinza e euforia.

Por vezes Raúl Brandão parece conceber o ser supremo como um ser puramente transcendente — noutras, porém, cai de borco, como Giordano Bruno ou Espinosa, na visão unitária, de nítido sabor panteísta, confessando, em êxtase:

— «*O mundo é Deus. Deus rodeia-me.*»

O que não impede o escritor febril e terrivelmente angustiado de exclamar de longe a longe:

— «*O mundo é um grito.*» (Cf. *Humus*, p. 295).

\*

A admiração profunda — isto é, o sentimento de gratidão e de enriquecimento inesperado e puro, sem qualquer sombra de transacção — que o Autor do *Humus*, do *Gebo e a Sombra*, ou *O Doido e Morte*, desperta tem levado alguns, uma vez ou outra, a designarem Raúl Brandão como um escritor *de génio*. E com razão.

O homem de génio é aquele que prodigiosamente constrói ou cataliticamente modifica ou transmuda.

Por via de regra, a construção genial envolve ou implica um acto de destruição quase sempre temerosa e imprevisível.

Alexandre desfaz uma civilização e faz outra, segue como um ziguezague através da Ásia e ergue na África, a dois passos de uma cultura milenária e cansada, um lizeiro de cultura diferente...

Bonaparte, junto das Pirâmides, num momento de perigo, concentra as bagagens e os sábios que o acompanham, ordenando no calor do deserto, com humor frio e cáustico:

— «*Les ânes et les savants au milieu.*» Daí segue e prossegue, destruindo e construindo. Aniquila exércitos e

desfaz nações — assim como promove a elaboração do primeiro Código Civil europeu e orienta a urbanização fundamental de Paris... Por isso ele dirá, na ante-véspera da morte, em Santa Helena:

— *«Daqui a dois mil anos muita gente falará ainda de Austerlitz mas ninguém se lembrará dos milhões que mandei gastar nas cloacas do Sena...»*

Copérnico, com a sua «longa paciência», faz algo de análogo, no plano do mundo solar: constrói a nova concepção do nosso sistema planetário e implicitamente destrói a velha concepção geocêntrica.

Lavoisier; Goya; Nietzsche; Rodin...

E assim sucessivamente.

Raúl Brandão — poderemos dizer sem medo — também entrou para essa «família», ao lançar por terra a «visão literária do mundo», hegemónico no seu tempo, e entregando-se sem quaisquer respetos humanos à «visão desorbitada» que, de certo modo, serve de antevisão do que, no homem trágico do Porvir, poderá muito bem ser relativamente normal, na sua terrível anomalia.

Como Dostoiévski, é, a seu modo, um destruidor, da chamada literatura solar. O seu mundo é o mundo do sonho e do desespero, do irreal e do espanto, da perplexidade e da angústia,

\*

É tempo de terminar.

Para concluir, tentemos ver com relativa nitidez o problema fundamental que importa considerar:

Pode discutir-se, e uma ou outra vez, entre nós, se tem discutido, se será lícito tomar como expressão do «pensamento» certas obras de literatura da índole daquelas que Raúl Brandão escreveu e nos legou.

Para quem se bloquear na definição mais estreita e ortodoxa da palavra «pensamento», é evidente que a questão é simples: para esses, as obras dignas desse nome serão somente as que se apresentam com um dado estilo, uma dada terminologia e um certo aparelho técnico que não permitirá (dizem) qualquer confusão com as obras usualmente designadas «obras de literatura».

Restaria saber se esse critério não será demasiado simplista e se, à luz da própria história do pensamento, desde os originários Gregos, não será muito difícil, a quem quiser sustentá-la, recusar, perante certos casos, a desconcertante verificação de que nem todos os filósofos se sentiram obrigados a pensar sob forma discursiva.

Em boa verdade, só por preconceito é possível afirmar que toda a actividade de pensar se submete a rigorosas exigências de arquitectura e abstracção.

Em todas as épocas tem havido escritores (memorialistas, romancistas, poetas, místicos) de substancial visão ontológica, ávidos de compreensão da existência humana e mais que humana, cujas obras são inexauríveis fontes de metafísicas sugestões, — e todavia ninguém poderá dizer que tais escritores devem essas impercíveis obras ao culto da deusa Razão...

Bastará apontar, na literatura europeia moderna, a obra labiríntica, tão rica de sentidos transcendentais, de Dostoiewski.

Se se quiser ir mais longe, é ver os *Pensamentos* de Pascal ou as *Confissões* de Santo Agostinho.

Relembremos ainda que um dos pensadores mais altos da madrugante Hélade pré-sofística, Parménides, por exemplo — de cuja obra nos restam infelizmente apenas alguns fragmentos — não teve o falso pudor de transmitir o melhor do seu pensamento por um processo alegórico e oracular. Sua obra fundamental era um poema acerca do Ser, no qual o filósofo, com uma majestade verdadeiramente sacra, exortava o espírito dos seus iniciados a abandonar a viciosa visão vulgar (ou seja, a visão que atribui valor de realidade às aparências), insistindo com vigorosa consciência de certeza, que o verdadeiro ser — eterno, incorruptível, indivisível, homogéneo e imóvel — está, como absoluto que é, para além das aparências diurnas e enganosas do nosso mundo sensível.

Poderíamos citar ainda da mesma época, o misterioso Empédocles, ou o sibilino Heraclito — dois extraordinários espíritos que se compraziam no *ensino oracular e paradoxal* — e citar, dentro de portas, o nosso Antero, cuja poesia não é senão pensamento mitogónico e por isso mesmo de valor universal e perene.

\*

A obra literária de Raúl Brandão, com os seus tumultuosos altos e baixos, ora jornalística (no mais degradado sentido da palavra), ora profundamente mística; por vezes epidérmica e «grotasca», outras vezes, quase sublime; aqui presa ao que há de mais trivial e anedótico na existência dos homens, acolá arrebatada pelas mais frementes ansiedades de apreensão do que poderemos chamar o plano nomenal das almas e dos seres—, pertence claramente a essa linha genealógica de pensadores heterodoxos que têm vivido sempre ao longo da grande estrada da história do «pensamento lógico» como franco-atiradores, para não dizer antes como lobisomens ofegantes, condenados a cumprir o perpétuo fadário de correr, todas as noites, sete vales e sete montes! O seu «caso» é um dos exemplos mais típicos, na literatura ibérica, de compromisso de vocação novelesca e vocação metafísica, de «literato» e de «filósofo-sem-o-saber».

Ressalvando Teixeira de Pascoaes — o seu mais íntimo amigo nos últimos anos da sua vida e com quem escreveu, pouco antes de morrer, essa estranha tragédia bufa, tão injustamente esquecida (*et pour cause...*), que se intitula «*Jesus Cristo em Lisboa*» — nenhum escritor português de obras de imaginação oferece tão ricos filões de simbolismo e de substância pensável com o imperecível criador do *Humus*.

Com meia dúzia de imagens obsediantes, uma gramática rebelde e canhestra, um vocabulário pobre, quase vulgar — no qual constantemente afloram as palavras: «negrum», «espanto», «sonho», «morte» — Raúl Brandão deixou-nos nesse livro monótono mas tão impressionante, uma incomparável expressão da angústia milenária do Homem.

E dizemos intencionalmente «milenária» porque no espírito de Raúl Brandão há, na verdade, algo de indefinível que relembra, alternadamente, o espanto ingénuo do homem originário e o despertar trágico do homem das funduras do Porvir. Por vezes, a sua alma parece a alma do troglodita, estremunhado e pasmado, que pela primeira vez descobriu o *milagre* do mundo; outras vezes, parece o homem «terminal», para não dizer apocalíptico,

que larga, de chofre, aos gritos, ao sentir que tudo foi uma Grande Ilusão.

O final patético do *Humus* dá exactamente essa sugestão, com a interrogação clamante:

— «*Para onde vamos aos gritos? para onde vamos aos gritos?*» — «*Debalde tapamos os ouvidos; o uivo penetra nas almas. É a um grito em baixo corresponde logo um grito em cima. O grito domina tudo; trespassa o globo e ecoa no mundo.*»

Muitos consideram estas exclamações insólitas como simples *pochades* de um Escritor vítima (dizem) de um funesto bovarismo criado pela excessiva leitura de alguns autores lúgubres, de raiz eslava. É o que muitos afirmam. Mas é preciso perdoar-lhes, porque não sabem o que dizem. A sinceridade (como a própria originalidade) da obra de Raúl Brandão só pode ser posta em dúvida por quem não a confronta nem a frequenta.

Pode ser que uma ou outra página de Gogol ou de Dostoiewski tenha provocado um profundo estremecimento na alma do futuro autor da *Farsa* ou dos *Pobres*. Mas o *Humus* é uma obra à parte. É um solilóquio inconfundível. É um diário sem par na literatura do mundo moderno. Por esse livro se immortaliza o escritor. Foi aí que Raúl Brandão, de uma vez por todas, perdeu o medo e desatou a dizer o que todos, há séculos, há milénios, sentem — e muito poucos se atrevem a exprimir. Se Boileau — ou Aristóteles — folhassem esse livro, deitavam as mãos à cabeça e fugiam. Mas o gigante loiro da Casa do Alto, habituado desde a infância a ouvir falar de naufrágios e a assistir, dos socacos da Cantareira, às tempestades desconformes do mar da Foz do Douro, sentiu que não era homem para fazer livros à maneira dos Jardins de Versalhes ou dos tratados do Estagiritas. Sentiu que o seu destino era o de falar de certas realidades que transcendem os tratados — e os jardins. Deitou, pois, para trás das costas os preconceitos da medida, do estilo lambido e penteado, das palavras pautadas e frases correctas, com sujeito, verbo e predicado, — e começou a escrever como quem fala literalmente a sós, aos soluços e aos berros, conforme o assunto ou o coração lhe pedia. Assim se explica que algumas páginas do *Humus* pareçam autênticos monólogos de meia demência. Ao deitá-los ao papel, Raúl Brandão queria lá saber dos gramáticos? O que ele queria era «desabafar» as suas percepções, ora

inefáveis, ora cruciantes, da sua angustiada alma, de espírito atónito, de possesso do pavor e deslumbramento. Como Van Gogh, Raúl Brandão viu o mundo e as coisas sob imprevistos ângulos e insólitos tons — lívido, amarelo, sanguíneo —, e não quis conhecer outros. Certas expressões repetem-se, momento a momento, como estribilhos alucinatórios. Mas são precisamente essas páginas que exercem, por vezes, sobre nós, um estranho poder de perturbação. É por elas que Raúl Brandão atinge, por vezes, os cumes da eloquência trágica do desespero ou a sublimidade beatífica da visão do «poverelo» de Assis. Assim ele diz, em arroubos de misticismo panteísta:

*«Acredito que tudo sofre, que tudo tem alma e emoção —, as árvores, as criaturas e os calhaus.»*

*«Ama a natureza, os montes, as pedras — e verás que espectáculo sublime; ama e sentirás a mão de Deus pousar sobre a tua cabeça.»*

*«O mundo é Deus. Deus rodeia-me. Tudo para mim é uma causa de espanto — e através deste espanto pressinto ainda um espanto maior. Sinto-me como balouçado num sonho incerto.»*

*«Há momentos em que as coisas nos contemplam e estão por um fio a comunicar connosco.»*

Mas isto são ondas de humor metafísico que passam através de outras ondas muito diferentes no mar imenso sempre inquieto da sua ansiedade.

As ondas que dominam no oceano anímico do autor do *Humus* são as do deslumbramento e do desespero.

Muito antes do hoje tão apregoado Sartre, o autor do *Humus* descobriu, e de um modo muito mais directo e simples, que a grande realidade milenária e subjacente à própria banalidade da vida do homem comum é a realidade da Angústia.

E a face imóvel, pétrea, da grande Esfinge, que reflecte, sem cessar, o fogo lento da angústia, é a face da Morte. Essa é a verdadeira Musa desse poema fruste, monocórdico e caótico, que se intitula *Humus*.

*«Se me perguntam o que é a vida — não sei o que é a vida. Sei que me devora — sei que tenho ao pé de mim a morte.»* (Cf. p. 64).

Dois terços do livro são escritos sob esta obsessão. São os longos e «frenéticos» solilóquios que se lêem com uma indefinida impressão de «falta de ar».

Não se julgue, porém, que a ansiedade metafísica de Raúl Brandão se concentra exclusivamente na auscultação dessa realidade; de vez em quando volta-se para outros núcleos do Mistério. O problema ontológico de Deus, do Dever, da Consciência, são outros angustiados polos de interrogativa ansiedade que o escritor, com uma audácia inaudita — «*existem ou não existem? são realidades ou simples ilusões?*» — procura e invoca, em patéticas disjunções, como se fosse uma alma que já tivesse à vista os cavalos do Apocalipse.

Clamores há no *Humus* que parecem antecipar, na verdade, o trágico desalinho da Humanidade que viverá daqui a noventa e nove mil anos e um dia.

Em contrapartida, há outros passos dessa obra em que se ouve o ciciar da brisa originária e branda que teria acordado o primeiro assomo meditativo do homem que se alimentava de raízes de árvores e se agasalhava com a pele do urso por ele derrubado, em corpo a corpo.

Se em vez de ossos, maxilares, «restos-de-repastos», machados de sílex, alguns desenhos rupestres, pelos quais a investigação da arqueologia pré-histórica de hoje tenta, com tanta «satisfação» e superficialidade, vislumbrar o modo de ser e de viver do homem das cavernas e das primitivas aldeias lacustres —, nos fosse possível «achar», por assim dizer, na atmosfera, restos de interrogações originárias, fragmentos de pensamentos do homem neolítico, flocos de angústia cosmológica do troglodita, e as ecolalias dos primeiros ahgg! de espanto do homem de Cro-Magnon ou *Neanderthalensis* —, seguramente que muitos desses «restos» de ansiedade e deslumbramento (que talvez andem à roda de nós, há milhares de anos, esparsos no éter, à espera de um possível e ultra-Champollion), oferecessem profundas afinidades com muitas frases-interjeições do singularíssimo e angustiado espírito metafísico do autor do *Humus*!